



PATRIMÔNIO UNIVERSITÁRIO: reflexões para um trabalho em rede

UNIVERSITY HERITAGE: reflections for networking

João Carlos Pires Brigola

Universidade de Évora

Largo dos Colegiais 2, Évora, Portugal

joaobrigola@uevora.pt/joaobrigola@gmail.com

ORCID: 0000-0002-6264-9596



RESUMO

O museu é hoje uma instituição central da Cultura, repositório de formas de expressão patrimonial e artística e de saber técnico e científico. O sistema reticular aplicado ao mundo da cultura tem sido, porventura, o instrumento mais eficaz de acesso dos públicos a equipamentos tradicionalmente encarados como elitistas, como sejam as bibliotecas, os arquivos e os museus. A crise financeira internacional, obrigando as administrações públicas a maior contenção orçamental, tem-se traduzido num ainda mais acentuado sufoco da área da cultura, tanto nos sectores da criação artística quanto nos do património cultural. Neste contexto, o trabalho em rede apresenta-se como solução racionalizadora de recursos humanos, financeiros, ou espaciais, de que as redes municipais e universitárias - agora emergentes um pouco por todo o território nacional, mas igualmente em municípios e universidades de países como o Brasil - são exemplo inspirador.

Palavras-chave: Cultura, Património Universitário, Redes de Museus, Condição Contemporânea, Políticas Públicas.

ABSTRACT

The museum is today a central institution of Culture, a repository of forms of heritage and artistic expression and of technical and scientific knowledge. The reticular system applied to the world of culture has perhaps been the most effective instrument for public access to equipment traditionally seen as elitist, such as libraries, archives and museums. The international financial crisis, forcing public administrations to tighten the budget, has resulted in an even more accentuated suffocation in the area of culture, both in the sectors of artistic creation and in those of cultural heritage. In this context, the networking is presented as a rationalizing solution for human, financial, or spatial resources, from which municipal networks - now emerging all over the national territory, but also in municipalities and universities in countries like Brazil - are an inspiring example.

Keywords: Culture; university heritage; museum networks; contemporary condition; public policy

Conceito de museu e sua condição contemporânea

Este o nosso ponto de partida: o museu é hoje uma instituição central da Cultura, repositório de formas de expressão patrimonial e artística e de saber técnico e científico. Nascida do acto de colectar com critério testemunhos imbuídos de significantes simbólicos, cada instituição museal visitável revela, afinal, a visão do mundo, a *forma mentis* e o projecto-missão do colecionador individual ou institucional que a criou.

Aos museus tem sido amplamente assinalada uma característica nem sempre registável noutras instituições culturais: a de sismógrafo de valores, sensível às mudanças operadas no universo das ideias que incorporam os movimentos sociais. Visto por este prisma, desventurar os caminhos cruzados pelos museus talvez possa constituir uma poderosa chave para a compreensão da sua condição contemporânea.

Aceder a essa compreensão impõe, contudo, um olhar atento à criação de novos museus e às suas temáticas, mesmo aos apenas projectados, à alteração de critérios tradicionais de exposição das colecções, às opções protagonizadas por novas e por vezes fracturantes curadorias, à contestação de cariz ético, ideológico ou até científico de valores veiculados por algumas mostras temporárias e aos debates que envolvem a própria definição de museu, como a verificada no seio do ICOM, na sua assembleia geral reunida em setembro de 2019, na cidade de Quioto (<https://icom-kyoto-2019.org/>).

Redes na área cultural - o caso português

O sistema reticular aplicado ao mundo da cultura tem sido, porventura, o instrumento mais eficaz de acesso dos públicos a equipamentos tradicionalmente encarados como elitistas, tais como as bibliotecas, os arquivos e os museus. Uma bem-sucedida política pública, articulada com o poder local e estruturada a partir da década de oitenta do século passado, pôs de pé em Portugal redes de bibliotecas e de arquivos públicos conseguindo criar amenidades culturais, mesmo em territórios de baixa densidade. No dealbar do novo milénio chegou a vez dos museus, ganhando estatuto institucional a Rede Portuguesa de Museus, plasmada na Lei-Quadro de 2004, e agrupando de forma voluntária qualquer instituição museal, de carácter público ou privado, sujeita porém a prévia credenciação, baseada em adequada qualificação técnica. Nesta senda, têm vindo a ser criadas diversificadas estruturas reticulares associando museus, de forma horizontal e complementar, pelos critérios da identidade de tutela, como são exemplo os municipais agrupados na Rede dos Museus do Distrito de Beja, ou da distribuição num mesmo território, caso da pioneira Rede dos Museus do Algarve, ou ainda pelo critério da proximidade temática e institucional, tal como se configuram na Associação Portuguesa de Museus da Igreja Católica (APMIC), criada em 2002, e na Rede dos Museus Militares e Colecções Visitáveis do Exército.

A crise financeira internacional, obrigando as administrações públicas a maior contenção orçamental, tem-se traduzido num ainda mais acentuado sufoco da área da cultura, tanto nos sectores da criação artística quanto nos do património cultural. Neste contexto, o trabalho em rede apresenta-se como solução racionalizadora de recursos humanos, financeiros, ou espaciais, de que as redes municipais – agora emergentes um pouco por todo o território nacional, mas igualmente em municípios de países como o Brasil – são exemplo inspirador.

Lugar ainda para o destaque de uma iniciativa inovadora, na particular relação entre

museus, tutelas e território, que ocorre na cidade de Évora. Projecto dinamizado inicialmente pela Universidade, em 2014, agrupa actualmente oito parceiros, quatro públicos e quatro privados, detentores de colecções visitáveis ou de museus. O Projecto tem sido financiado pelo Programa Alentejo 2020 e gerido tecnicamente pela Entidade de Turismo do Alentejo e Ribatejo. O seu programa estratégico passa pela concretização de um conjunto de ações, tais como: sistema de bilhética integrado; estudo de públicos; gestão conjunta da agenda de programação; plano de sinalética urbana; programação de actividades comuns; criação de uma marca/identidade; plano de comunicação (*site*, folhetos, publicidade nacional e internacional, roteiro digital); visitas guiadas temáticas; formação dos profissionais (<https://www.cidehus.uevora.pt/investigacao/Redes/Rede-de-Museus-de-Evora>).

Uma Rede, qualquer Rede da área cultural, projecta uma dimensão democrática, pela adesão voluntária, pela complementaridade dos recursos e dos serviços, pela horizontalidade das decisões. Por isso, a julgamos uma forma estruturante da organização museológica contemporânea, sobremaneira na capacidade única de oferecer soluções de vivência e de revitalização urbanas.

Um futuro para as redes de museus universitários - experiências exemplares

A Universidade de Cambridge convocou, em 2017, um encontro internacional no qual se propôs a discutir não os modos como se iniciam as colecções técnico-científicas (instrumentos laboratoriais, amostras, espécimes animais ou vegetais, documentação experimental, materiais pedagógicos, mobiliário, etc.), mas como e por que razão elas definham e se extinguem. Os diversos contributos foram, entretanto, reunidos num volume significativamente intitulado *How collections end: objects, meaning and loss in laboratories and museums* (British Society for The History of Science, 2019). Estes estudos reúnem ideias da história da ciência e da tecnologia e procuram explicar as razões por que algumas destas colecções em laboratórios e em museus têm vindo a conhecer diminuição, extravio, dispersão, destruição, reaproveitamento, absorção ou repatriamento.

As universidades que ao longo de décadas ou de séculos acumularam acervos, artísticos e científicos, reflexo de uma intensa actividade pedagógica e investigativa, mas também enquanto destinatárias privilegiadas de doações, confrontam-se hoje com desafios que as obrigam a decisões estratégicas no que respeita à utilização de espaços nos campi, ao financiamento dos seus equipamentos museais e ao recrutamento de profissionais.

Quem visite por estes dias a cidade colonial de Ouro Preto, em Minas Gerais, e contacte a sua Universidade Federal (UFOP), localizada no perímetro classificado Património da Humanidade, poderá conhecer o projecto patrimonial e museológico de um grupo de docentes e de técnicos empenhado em resgatar o imenso e rico acervo universitário e, a partir do histórico núcleo oitocentista da Escola de Farmácia, instituir uma Rede de Museus à semelhança da que já ganhou foro de cidadania na sua congénere de Belo Horizonte, a UFMG (<https://www.ufmg.br/rededemuseus>). De resto, o sistema universitário brasileiro assumiu a urgência da salvaguarda desse seu inestimável património ao criar uma *Rede Nacional de Museus e Colecções Universitários*, contando com a colaboração técnica do UMAC, comité especializado do ICOM (<http://umac.icom.museum/>).

A já citada Universidade de Cambridge apresenta uma solução em linha com esta filosofia reticular, encontrando-se porém num patamar já não apenas projectual, mas organicamente estruturado, agregando desde 2012 um consórcio de oito espaços museológicos (Museu de Arte Fitzwilliam, Museu de Arqueologia e Antropologia, Museu de Arqueologia Clássica, Museu de Investigação Polar, Museu Sedgwick de Ciências da Terra, Museu Whipple de História da Ciência, Kettle's Yard e Museu Universitário de Zoologia), todos concentrados na sua apertada malha urbana, contemplando uma loja única para venda de produtos e de informação turística, linha de divulgação *on line*, além da concentração de serviços técnicos e administrativos num único edifício (<https://www.museums.cam.ac.uk/>).

Esse modelo permite encarar com optimismo o futuro da relação a estabelecer entre as colecções históricas universitárias com a produção contemporânea de conhecimento científico. Este património museológico fica assim disponível não apenas para a exibição pública – retomando de resto uma tradição de visitação turística bem documentada em testemunhos de viajantes setecentistas e oitocentistas –, como vem a ser crescentemente objecto de estudo e investigação, densificando os estudos de história das ideias científicas.

No caso das universidades fundadas em períodos históricos mais recuados, o seu património revela-se ainda enriquecido com equipamentos, iluministas ou românticos, como sejam: jardins botânicos, laboratórios químicos, observatórios astronómicos, teatros anatómicos ou bibliotecas. Também o *design* e a arquitectura contemporâneos têm vindo a oferecer novos espaços de atractividade em muitos *campi*, acrescentando ao património universitário do novo milénio valências artísticas, científicas e turísticas.

Texto encomendado pelos organizadores do dossiê